



**ALICE DE FÁTIMA VILELA**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS  
OUVINTES**

**LAVRAS – MG**

**2019**

**ALICE DE FÁTIMA VILELA**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Federal de Lavras, para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português/Inglês e suas literaturas.

Orientadora:  
Prof. Dr<sup>a</sup> Raquel Márcia Fontes Martins

**LAVRAS – MG  
2019**

**ALICE DE FÁTIMA VILELA**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Graduação em Letras – Português/ Inglês, para a obtenção do título de Licenciado em Letras– Português/ Inglês e suas licenciaturas.

APROVADO em 20 de Maio de 2019.

Dr<sup>a</sup> Tânia Regina de Souza Romero – Doutora em Linguística Aplicada - UFLA

Dr<sup>a</sup> Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Doutora em Educação - UFLA

Dr<sup>a</sup> Andréa Portolomeos – Doutora em Letras - Literatura Comparada- UFLA

---

Dr<sup>a</sup> Raquel Márcia Fontes Martins  
Orientadora

**LAVRAS – MG  
2019**

*Dedico à minha mãe (in memoriam) por entender e saber  
dividir os seus últimos meses de vida durante a caminhada  
dessa etapa de minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade dessa caminhada e pela conquista de todas as batalhas.

A meu pai e demais familiares pelo carinho, paciência e apoio.

À Universidade Federal de Lavras, especialmente aos professores do curso de Letras, pela oportunidade e incentivo ao curso.

À professora Raquel Márcia Fontes Martins pela orientação, paciência e disposição para ajudar.

A todos os colegas e amigos pelo incentivo da árdua jornada.

**MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso dedica-se a refletir sobre o contexto da aquisição da língua por crianças surdas com pais ouvintes, tendo como objetivo investigar a relação entre esses sujeitos e a língua sinalizada, no caso, a LIBRAS. Avaliam-se, especificamente, a forma de comunicação entre essas crianças e seus pais antes do diagnóstico da surdez, as dificuldades encontradas pelos pais com seus filhos surdos na aquisição da língua sinalizada, se as crianças conseguiram adquirir a língua, e, por fim, como ocorreu o desempenho escolar e social dessas crianças. O referencial teórico baseia-se em estudos que abordam a aquisição da língua de sinais, a educação de surdos no Brasil e a aquisição da LIBRAS por crianças surdas com pais ouvintes, sendo os teóricos Kail (2013), Quadros (1997), Gesser (2009), Dizeu e Caporali (2005), Figueiredo (2015). O método utilizado para realizar este trabalho foi à elaboração de um questionário, direcionado a três mães com filhos surdos. Nas repostas ao questionário, as mães relataram sobre a comunicação entre os pais e seu filho surdo e os desafios que geraram a falta da interação comunicativa por uma mesma língua e a falta de reciprocidade linguística do ambiente social e escolar em relação à pessoa com surdez.

**Palavras-chave:** Língua, Aquisição, Libras.

## **ABSTRACT**

This final paper dedicates itself acquisition focuses language by deaf children with hearing parents, aiming to investigate the relationship between these subjects and the sign language, in this case, LIBRAS. It's measured, specially, the form of communication between these children and their parents prior to the diagnosis of deafness, the difficulties encountered by parents with their deaf children in acquiring the sign language, whether the children were able to acquire the language, and, finally, the school and social performance of these children. The theoretical reference is based on studies that deal with the acquisition of sign language, the education of the deaf in Brazil and the acquisition of LIBRAS by deaf children with hearing parents, being the theorists Kail (2013), Quadros (1997), Gesser (2009), Dizeu and Caporali (2005), Figueiredo (2015). The method used to accomplish this work was the elaboration of a questionnaire, directed for three mothers with deaf children. In the answers, they reported about the communication between parents and their deaf kids, and the challenges that led the lack of communication interaction by the same language, in addition to the language matches in the school/social environment with the deaf person.

Keywords: Language, Acquisition, LIBRAS.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>AQUISIÇÃO LÍNGUA DE SINAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>Parâmetros linguísticos na aquisição da Língua de Sinais.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....</b>	<b>24</b>
<b>5.1</b>	<b>Leis que amparam os surdos no Brasil.....</b>	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>7</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>
<b>10</b>	<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>45</b>
<b>11</b>	<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>49</b>
<b>12</b>	<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As línguas de sinais são línguas naturais com um sistema linguístico próprio, que se desenvolveram da necessidade da comunicação entre as pessoas surdas (TRASK, 2006). Essas línguas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social da criança surda, pois permitem a comunicação entre os surdos, e também de surdos e ouvintes que tenham conhecimento da língua.

Dessa forma, a língua se torna um elemento primordial que facilita a compreensão de conhecimento de mundo para os surdos. Isso se explica, pois será pela linguagem que o indivíduo irá estabelecer relações inter-pessoais, que se iniciam desde o nascimento por meio do contato comunicativo do bebê com a mãe.

Nesse contexto, procuramos então compreender qual é o meio que os pais ouvintes utilizam para comunicarem-se com os filhos surdos e como se dá a aquisição da Língua de Sinais por essas crianças e por seus pais. Diante disso, foi por intermédio do curso de Letras, que contém disciplinas relacionadas a LIBRAS, bem como a aquisição da língua, que fiquei fascinada pelo mundo linguístico dos surdos e procurei cursos na área.

A Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais dispõe do curso básico de LIBRAS, que realizei em 2018. Nesse período realizei o estágio no CENAV (Centro de apoio às necessidades auditivas e visuais), na cidade de Lavras, local em que tive a oportunidade de conhecer algumas mães que tiveram filhos surdos. Pelo fato de já estar inserida dentro desse cenário, procurei então por trabalhar este tema dentro do meu trabalho de conclusão de curso.

Realizamos um estudo com base em questionários direcionados a três mães, que relatam quais foram os percursos que as famílias criaram para construir a comunicação. O contato com essas mães se realizou por mediação de professores do CENAV, através do qual eu tive o prazer de conhecer a Mãe II. Posteriormente, uma das professoras do curso me adicionou em um grupo do whatsapp sobre educação de surdos, e dessa forma, eu tive o contato com a Mãe III, que mora no Estado do Ceará. Por fim, a Mãe I é de uma família com a qual tive mais contato, pois moram na mesma cidade na qual minha família também mora.

Dessa forma, expliquei para essas mães que sou estudante de Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e, que por estar fazendo uma disciplina de aquisição da língua, na qual há um conteúdo sobre aquisição da LIBRAS, estava interessada sobre a comunicação dos surdos com pais ouvintes. Então solicitei a elas se poderiam colaborar respondendo a um questionário. Após a confirmação de seus interesses, enviei o questionário por email e whatsapp, e as respostas constam no Apêndice (A, B e C).

Em função disso, a partir dos estudos desenvolvidos por esta pesquisa, procuramos refletir sobre como é desenvolvida a comunicação dentro desse ambiente familiar, como ocorreu a aquisição da linguagem pelas crianças surdas. O que é muito importante, por apresentar formas linguísticas diferenciadas dentro desse ambiente, revelando que este ambiente não está preparado para receber uma criança surda.

A próxima seção trata da Língua Brasileira de Sinais – a LIBRAS, sendo que, em seguida, é abordada a aquisição da língua de sinais. Depois, a aquisição da LIBRAS por crianças surdas com pais ouvintes e o trabalho é finalizado com a educação de surdos no Brasil.

## 2. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

As línguas de sinais são línguas naturais de modalidade gestual-visual e visual-espacial. Essas línguas seguem uma estrutura gramatical própria, com regras morfológicas, sintáticas e semânticas, como destaca Gesser (2009).

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade. (GESSER, 2009, p. 27)

O linguista americano Willian Stokoe iniciou os estudos da linguística da língua de sinais em 1960. Nessa época, muitas pesquisas foram realizadas sobre a estrutura gramatical dessa língua, chegando à conclusão de que ela é uma língua natural, com um sistema linguístico e estrutura gramatical exclusivo da língua de sinais.

Stokoe, citado por Quadros e Karnopp (2004), afirma que os sinais não eram simples sistema de gestos, mas símbolos que carregavam estruturas complexas. Ao analisar minuciosamente a realização desses símbolos, ele descobriu que cada sinal carrega elementos linguísticos importantes.

No Brasil, a língua de sinais teve a contribuição de um professor francês surdo chamado Harnest Huet, que se comunicava pela Língua de Sinais Francesa. Em vista da influencia da língua Francesa de Sinais, aliada às combinações do sistema linguístico dos surdos brasileiros, chegou-se à Língua Brasileira de Sinais, que tem como sigla as iniciais das palavras, LIBRAS; um sistema linguístico usado na comunicação dos surdos brasileiros.

Com a necessidade de adquirir um status linguístico próprio e com direito pleno para a Língua Brasileira de Sinais, foi sancionada a Lei 10.436 de 2002, que oficializou a Libras como língua natural das comunidades surdas brasileiras. Com a sanção da Lei nº 10436, a LIBRAS foi reconhecida legalmente como um sistema linguístico próprio para comunicação dos surdos brasileiros.

Com isso, a LIBRAS também ficou reconhecida oficialmente como a segunda língua brasileira. Isso deu-se por mérito da luta de educadores, familiares de pessoas

surdas e dos movimentos surdos do país. Além disso, a lei garantiu ao surdo o direito de acesso a uma educação que supra suas necessidades como cidadão surdo.

### **3. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS**

A aquisição da língua desenvolve-se da necessidade da comunicação dos seres humanos. Em geral, nós, ao nascermos, estabelecemos essa necessidade, em um primeiro contato com a mãe, depois com os demais familiares e pessoas próximas. Por intermédio dessa comunicação, nós desenvolvemos, interagimos e nos integramos em sociedade. Nessa mesma acepção, da capacidade humana para a linguagem, Quadros (1997, 47) reitera “... da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações”.

Com isso, a aquisição da língua está diretamente ligada à interação social, permitindo que o indivíduo possa desenvolver-se linguisticamente, intelectualmente e socialmente. O mesmo acontece com as crianças que nascem surdas: o seu desenvolvimento depende do meio em que elas vivem, além dos estímulos linguísticos que recebem. Neste sentido, para que aconteça um bom desenvolvimento na aquisição da Língua de Sinais, a criança tem que estar exposta diariamente ao contato da língua, como destacado por Dizeu e Caporali (2005).

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 588).

Dessa forma, assim que os pais recebessem o diagnóstico de surdez dos filhos, eles deveriam buscar o aprendizado da língua sinalizada o mais rápido possível, evitando que a criança não perca nenhuma fase do desenvolvimento linguístico.

Segundo Quadros (1997, p.70), o processo de aquisição da língua de sinais percorre algumas fases que já se inicia nos primeiros meses de vida, chegando a se desenvolver até aos cinco anos de idade.

De acordo com as características para aquisição da língua por crianças surdas, destacamos como elemento fundamental para a comunicação o contato visual, que é essencial para a comunicação. Além disso, a criança surda tem que percorrer alguns estágios linguísticos importantes. Segundo Quadros (1997), se dividem em: pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações de sinais e estágio das múltiplas combinações de sinais. Cada um desses estágios é descrito a seguir.

**Estágio pré-linguístico:** Esse é o início do período de aquisição da língua. Ocorre tanto em um bebê surdo quanto no ouvinte, sendo uma competência inata da linguagem. Essa é uma fase na qual os primeiros meios usados pelos bebês para chamar a atenção dos pais são os balbucios, que reúnem tanto o balbucio silábico quanto o balbucio gestual. Os balbucios duram até um ano de idade. Quanto aos bebês surdos, o balbucio silábico desaparece pela falta de estímulos sonoros, já que os ouvintes, nesta idade, deixam de lado os gestos. Para Quadros (1997).

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugere haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual (QUADROS, 1997, p. 71).

**Estágio de um sinal:** Essa fase desenvolve-se por volta de um ano, seguindo até dois anos de idade. Esse é um período em que as crianças conseguem produzir um sinal em forma de gestos, como se fossem apontar ou pedir algo, mas esses gestos não apresentam nenhum significado linguístico. O desenvolvimento dessa fase também ocorre em crianças ouvintes, sendo que estas têm mais aptidão para o desenvolvimento oral e sonoro, enquanto que a criança surda caminha para um desenvolvimento visual e gestual que segundo Quadros (1997).

Sugere que neste período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-linguística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico) (QUADROS, 1997, p. 71).

**Estágio das primeiras combinações de sinais:** O surgimento dessa fase começa em torno dos dois anos de idade, podendo durar até seis meses. Nessa pequena fase, a criança consegue fazer combinações de dois a três sinais, tendo uma construção de frases formada por sujeito + verbo, verbo + objeto e também sujeito + verbo + objeto.

Em relação ao uso dos pronomes por crianças surdas, elas tendem a apontar o pronome *tu* para se referir a si próprio (*eu*). Essa troca existe em alguns verbos que não possuem flexões verbais, e dessa forma exigem o uso dos pronomes para realizarem as construções gramaticais.

**Estágio das múltiplas combinações de sinais:** Esse período ocorre a partir dos dois anos e meio de idade e se estende até os três anos. Essa fase foi batizada por Quadros (1997, p. 74) de “explosão do vocabulário”. Nesse momento, as crianças começam a formar frases a partir do conhecimento que elas adquiriram ao passar pelos estágios anteriores. Esse é um período em que as crianças criam uma diferenciação entre as palavras, como por exemplo, *cadeira* e *sentar*, ou seja, distinguem o que é verbo do que é nome.

A aquisição linguística de uma criança perdura até os cinco ou dependendo se estende até aos seis anos de idade, sendo uma fase em que a criança está adquirindo as regras gramaticais da língua. Nesse momento, as crianças já conseguem compreender as coisas que acontecem a sua volta e descrevê-las às pessoas com facilidade na comunicação. Como acontece com a filha da Mãe III. **“Ela fala o quer, o que viu na escola, que roupa quer vestir, para onde quer passear e sabe quem é quem da família: pai, mãe, irmão, vô, vó”**.

Além dessas fases, ainda existem os parâmetros linguísticos, que são importantes para a comunicação da Língua de Sinais, os quais são tratados a seguir.

### **3.1. Parâmetros linguísticos na aquisição da Língua de Sinais**

Há parâmetros linguísticos fundamentais para a língua de sinais, como consta nos estudos de Quadros e Karnopp (2004) e Figueiredo (2015). Esses parâmetros são compostos por movimentos manuais e não manuais, que são relevantes na formação da estrutura gramatical da língua adquirida pelas crianças surdas no decorrer do processo

linguístico. Dessa forma, percebe-se um grande valor do uso da mão ou das mãos para realizar um sinal (palavra).

Esses sinais são formados em um determinado ponto do corpo, ou na região frontal, na hora da comunicação. Também, é importante destacar que cada sinal consiste em uma configuração ou movimento diferente, indispensável tanto para o entendimento dos sinais quanto para os aspectos gramaticais. A seguir, as funções de cada parâmetro linguístico.

**Configuração da Mão (CM):** A configuração de mão é apresentada pelos movimentos das mãos para desenvolver vários sinais. Na Língua Brasileira de Sinais, alguns estudiosos, como Pêgo (2013), detectaram uma variação de 64 a 111 tipos de configuração de mão, dentre os quais estão os números, o alfabeto, os verbos e os substantivos, como consta na figura 1.

**Figura 1 – Configuração da mão**



Legenda: Configuração de mão é a forma como se posiciona a mão para formar o sinal. A primeira configuração representa a letra L, a segunda configuração é representado pelo número cinco e a terceira configuração a representação da letra B.

Fonte: Do autor (2019).

**Pontos de Articulação (PA) ou Locação da mão (L):** É o ponto onde é realizado o sinal, como consta na figura 2. Esse ponto pode ser tocado pela mão em algum lugar do corpo ou pode ser articulado no espaço em frente ao corpo. Segundo Benassi e Padilha (2015, p. 101), “em seu sistema de escrita ELiS (Escrita das línguas

de sinais), são possíveis um total de 35 pontos onde a mão pode tocar ou ser posicionada durante a articulação de um determinado sinal”.

**Figura 2 - Pontos de Articulação (PA) ou Locação da mão (L)**



Legenda: O espaço de realização do sinal é realizado pelas mãos do sinalizador em um determinado ponto do corpo, ou no espaço em frente ao corpo, no qual as apresentações dos sinais acontecem em uma área limitada que vai do alto da cabeça e se expandem até o quadril.

Fonte: Do autor (2019).

**Orientação (O):** É a direção da mão ou da palma para a produção do sinal. Que segundo os estudos de Quadros e Karnopp (2004), as direções que a mão segue têm uma estimativa de seis lados de orientação da mão na Língua de Sinais Brasileira, conforme demonstra a figura 3.

**Figura 3 – Orientação**



Legenda: A orientação é a direção da palma da mão ou da mão. As direções seguem para cima, para baixo, para o lado direito ou lado esquerdo, para frente ou para trás.

Fonte: Do autor (2019).

**Movimento (M):** O movimento na Língua sinalizada é representado pela movimentação da(s) mão(s) dentro do espaço estabelecido, no espaço em frente ao corpo, as direções que a mão pode percorrer e os movimentos dos dedos, do punho e do braço, como representa a figura 4. Segundo Quadros e Karnopp (2004), existem características que são empregadas nos movimentos dos sinais que são importantes na gramática da língua sinalizada. A partir dos movimentos, podemos perceber relações gramaticais importantes para o entendimento do sinal.

**Figura 4 - Movimento**



Legenda: Os movimentos que a mão, os braços e dedos realizam para formar um sinal. O primeiro sinal traz a representação de família, o segundo, o sinal de brincar.

Fonte: Do autor (2019).

Além dos movimentos das mãos na realização do sinal, também existem os sinais não manuais que estão associados com os movimentos do corpo, e as expressões faciais, o espaço de sinalização e os classificadores que desempenham funções não só dentro da estrutura da fonologia, mas também dentro de outras áreas da linguística da língua sinalizada. Segundo Pizzio (2011).

Além dos sinais manuais, fazem parte da língua as marcações não-manuais, que são as expressões faciais e corporais utilizadas durante a sinalização. Estas marcas não-manuais são consideradas gramaticais, pois acrescentam significado aos sinais produzidos, tanto no nível morfológico quanto no nível sintático. (PIZZIO, 2011, p. 36)

**Expressão Facial e/ou corporal:** É um elemento de grande importância para comunicação e também na gramática da língua sinalizada. Existem características relevantes na gramática desse parâmetro, dentre os quais podem-se citar contribuições na área da sintaxe, nas perguntas interrogativas, orações relativas, topicalização e concordância, além do campo lexical na construção dos pronomes, advérbios e expressões de negação. As expressões não manuais (conforme demonstra a figura 5) dispõem das expressões da face, como as emoções, os movimentos dos olhos, da cabeça e do tronco para realização do sinal.

**Figura 5 – Expressão facial ou corporal**



Legenda: As expressões não manuais dispõem das expressões da face, como as emoções, os movimentos dos olhos, da cabeça e do tronco para realização do sinal. O primeiro sinal brincar, o segundo difícil e a ultimo o sinal de fome.

Fonte: Do autor (2019).

Dessa forma, a língua de sinais é uma língua espacial-visual, que é realizada pelas mãos do sinalizador em um determinado ponto do corpo, ou espaço em frente ao corpo, no qual as apresentações dos sinais acontecem em uma área limitada que vai do alto da cabeça e se expande até o quadril, como é representado pela figura 2.

O sinal pode ser produzido com apenas uma mão (independente da direita ou da esquerda) ou usando as duas, conforme é definido pelo sinal. Por ser uma língua de exploração de movimentos e espaços, a língua de sinais segue aspectos importantes e necessários para uma boa conformidade e estruturação dentro da gramática do sinal.

Conhecidos os parâmetros importantes para a língua sinalizada, a seguir, aborda-se, propriamente o objeto de estudo deste trabalho, qual seja, a aquisição da LIBRAS por crianças surdas, filhas de pais ouvintes.

#### **4. AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES**

A família tem um papel fundamental na aquisição da linguagem. Segundo Figueiredo (2015),

Portanto, para uma boa aliança familiar, a participação efetiva por parte dos pais é essencial, pois o apoio da família estabelece a base para a vida social da criança surda, para o entendimento das coisas e a

compreensão de suas diferenças. Os pais desempenham o papel de responsáveis pela sintonia estabelecida com a criança e também por facilitar as trocas comunicativas. Figueiredo (2015, p. 20).

Podemos verificar a importância da família também no relato da Mãe II **“Mas para que isso aconteça é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”**.

A criança adquire uma língua na relação com o próximo, inicialmente na convivência familiar, em geral com os pais, irmãos e cuidadores.

Quando os pais ouvintes têm um filho que é surdo, a dificuldade da criança em aprender a língua de sinais costuma ser maior, uma vez que os pais não apresentam nenhum conhecimento da língua sinalizada, como constata Kail (2013).

As crianças surdas filhas de pais ouvintes (90%), o quadro de desenvolvimento é muito diferente. Essas crianças produzem gestos “espontâneos” para tentar se fazerem entender por aqueles que as rodeiam. Ao termo de vários estudos, a conclusão a que se chega é que o sistema de comunicação gestual espontaneamente produzidos pelas crianças surdas representa, é verdade, um sistema linguístico certamente elementar, mas diferente de um sistema paralinguístico. (KAIL 2013, p. 98).

Considerando o ambiente linguístico em que a criança surda vive, é importante que os pais procurem o mais rápido por uma interação com a língua de sinais, evitando que os seus filhos sejam privados do direito à comunicação. Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 9), “é inegável à criança o direito de acesso à língua de sinais como meio e fim da sua interação linguística, social e cultural”. Nesse mesmo sentido, Gesser (2009) sustenta o direito linguístico da criança surda à aquisição da linguagem, na situação em que os pais são ouvintes. Os pais devem possibilitar seus filhos surdos a interação com a língua materna dos surdos, a língua sinalizada, para que ambas as partes possam se compreender mutuamente pela língua de sinais.

Porém, é importante compreender que diante de uma criança que tem a língua diferente de seus pais, nasce com essa criança, também, uma família que não sabe lidar com esse novo fato, pois há um medo por não saber enfrentar a situação e a incerteza

dos desafios da comunicação com a criança. Como afirma uma mãe (Mãe III<sup>1</sup>), participante deste estudo:

**“Minha reação foi de desespero e que tudo o que tinha planejado para ela, foi destruído”.**

Apesar dos conflitos emocionais através dos quais a família passa, é importante a aceitação do diagnóstico e a procura rápida de ajuda com pessoas especializadas para o acolhimento da família, como observado por Figueiredo (2015). O pós diagnóstico de surdez pode ser decisivo na vida dessa criança e dos familiares. Após a confirmação do diagnóstico, os pais se enchem de dúvidas, medos e preocupações por não saberem lidar com uma criança surda. Mas após esse susto e as incertezas quanto ao futuro do filho, os pais e demais membros da família devem procurar ajuda e informações necessárias o mais rápido possível a respeito da língua de sinais e de sua aquisição.

Mesmo antes de receber o diagnóstico de surdez, os pais e familiares iniciam o processo de comunicação com o filho, e muitas vezes de forma oral, e, após insucessos na comunicação, começa uma interação gestual entre ambos, como apontado pelas três mães, participantes desta pesquisa. Apenas algum tempo depois, os pais procuram conhecer a Língua de sinais, como destaca Quadros e Cruz (2011), citado por Figueiredo (2015, p. 18).

Pois o acesso às informações referentes à surdez e o processo de desenvolvimento da criança surda, a conscientização e sensibilização das necessidades da criança referente à aquisição de uma língua de sinais (visual-espacial), o reconhecer da importância de aprender uma nova língua para se comunicar verdadeiramente com a criança surda, o conhecimento e a troca de experiências com pais de crianças surdas que utilizam a língua de sinais, a possibilidade de receber apoio emocional, [...], são alguns dos fatores que podem exercer grande influência no processo de aquisição da língua da criança surda, contribuindo para que a criança tenha um processo de aquisição normal (QUADROS e CRUZ, 2011. p.28).

---

<sup>1</sup> Este estudo contou com a participação de três mães ouvintes que responderam a uma entrevista sobre a aquisição da linguagem de seus filhos surdos. Adiante, esse aspecto metodológico será esclarecido.

Por isso, é importante que a família se adapte a essa nova realidade, para que não aconteça um atraso na aquisição linguística da criança. Outro aspecto a ser considerado, diz a respeito ao diagnóstico da surdez, que deveria ser confirmado logo após o nascimento da criança, para que a família pudesse organizar-se em relação à nova língua. Dessa forma, haveria mais tempo para procurar ajuda e colocar a criança em contato direto com a língua de sinais, dando ao recém-nascido a oportunidade de adquirir essa língua como língua materna.

Mas, infelizmente, muitos surdos só aprendem a LIBRAS após ter contato com a língua portuguesa, o que compromete o desenvolvimento que seria esperado se acaso adquirissem primeiramente a língua de sinais. Como afirma Gesser (2009, p. 76), “Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua”.

Para que a criança possa adquirir um bom desenvolvimento linguístico na aquisição, se faz necessário o contato da família com a língua de sinais, visando à interação da criança linguisticamente com o ambiente em que vive. Essa interação é necessária para que ela possa dar significados às palavras, demonstrar seus sentimentos e intenções, que são marcantes para o desenvolvimento do ser humano. Podemos observar no relato da Mãe II sobre a autonomia do filho. **“Ele foi aprendendo aos poucos, cada sinal em Libras que o ajudaria ter autonomia”**.

Em vista disso, podemos dizer que a ausência do contato com a língua materna sinalizada traz graves consequências para desenvolvimento intelectual, emocional e social de uma pessoa com surdez. A principal dessas consequências é a desigualdade junto à comunidade ouvinte e familiar. Como destaca Figueiredo (2015),

A grande preocupação referente a falta de conhecimento da Libras foi destacado por algumas mães relatando que, por seus filhos não entenderem o que os outros falam, a maior dificuldade encontrada por eles é a discriminação, tanto na escola como em outros lugares. Alguns deixam de participar até mesmo de algumas atividades familiares devido à falta de entendimento entre os mesmos. Figueiredo (2015, p. 42).

Outro fator que retarda a aquisição da LIBRAS por crianças surdas é o fato de a família habitar em uma cidade que não tem nenhum suporte ou estrutura para oferecer a família a aprendizagem da língua de sinalizada, ou que não promove o contato da criança com outras pessoas surdas, para que esta possa conquistar uma identidade surda, e logo ser respeitada dentro da comunidade ouvinte. Segundo Figueiredo (2015),

Nem sempre a família é orientada sobre o que significa ter um filho surdo e muito menos sobre essa nova cultura. Não é fácil para esses pais se identificarem com essa criança. Existe a dificuldade de aprender uma nova língua, uma nova cultura. Essas famílias precisam ser auxiliadas a compreender a diferença entre eles, mudando assim a maneira de ver e de se relacionar com o filho. Para que essa família tenha uma participação expressiva no desenvolvimento dessa criança, terá que abrir mão de que o único meio de comunicação que existe é o da fala. Precisam conhecer e conviver com outras pessoas surdas. Figueiredo (2015, p.19)

Considerando a citação de Figueiredo (2015), podemos verificar esses fatos no desabafo da Mãe I, participante deste estudo, no apêndice A.

Seguem partes do desabafo da Mãe I sobre as dificuldades encontradas pelos filhos surdos que não conseguiram aprender a LIBRAS, como o contato tardiamente com a língua, as dificuldades na escola, a dificuldade da família na comunicação, e a solução que eles encontraram para comunicar-se, a falta de autonomia para os surdos que não sabem a língua sinalizada, e o preconceito que sofrem.

**“Quando meu segundo filho completou 5 anos fomos encaminhados para APAE, em São João Del Rei, para aprender a Libras. Sendo que a permanência dele nessa associação durou apenas um ano, com isso, acabou aprendendo pouca da língua. Houve dificuldades em aprender a LIBRAS, porque já tínhamos desenvolvido uma forma de comunicação nossa, e aprender uma nessa idade ficou difícil”.**

No próximo relato, a Mãe I, demonstra uma esperança em que seu filho pudesse aprender a LIBRAS na escola.

**“Na escola que eu acho que seria o lugar de um maior contato deles com a LIBRAS não houve. O que ocorreu foi uma tentativa com a língua portuguesa e a**

**escrita. Em decorrência da falta de professores e profissionais preparados para auxiliá-los. Acredito que por causa dessa falta, do contato por uma mesma língua, entre professor e aluno, meu primeiro filho decidiu abandonar a escola. Isso aconteceu por ele não estar aprendendo e entender o que acontecia durante as aulas”.**

Podemos perceber na continuação do relato da Mãe I, o uso de gestos caseiros, uma forma que a família encontrou para suprir as dificuldades da falta da língua de sinais, Como afirmam Carvalho e Santos (2016, p. 194),

Quando existe a necessidade da comunicação, mas não há uma língua estabelecida entre pais e criança surda, é criada uma alternativa doméstica, que não é considerada, portanto, uma língua, por se tratar de gestos inventados a partir de determinadas situações em que algo precisou ser dito ou informado Carvalho e Santos (2016, p. 194).

**“Eu como mãe não consegui aprender a LIBRAS e nem meu esposo. Comunicávamos com eles do nosso jeito. Para dizer mamãe apontava para os seios, e papai apontava na cintura. Para chamar tia eles apontavam para o pai e enchia a boca de ar, para referir a uma tia gordinha, que é irmã do pai deles. Para a família, construíamos um sinal para cada pessoa. Dessa forma procurávamos fazer um sinal que eles pudessem entender o que estávamos falando ou entender o que eles queriam dizer. Por um tempo, ficamos tentando os fazer falar, quando pedia água, ficávamos repetindo as palavras varias vezes, com isso, criaram o habito de ler os lábios. Hoje, algumas palavras eles conseguem falar como pau, café e pai, mas palavras com n e m não falam”.**

A seguir, em trechos de relatos da mesma mãe, observamos a falta de profissionais preparados ao uso da LIBRAS para o atendimento de pessoas com surdez, como também a falta de autonomia dos surdos ao realizar tarefas do cotidiano, o que foi causado pela falta da aquisição da linguagem adequada. Outro fato que também podemos destacar neste relato é a falta de conhecimento dos ouvintes em relação à LIBRAS , o que poderia facilitar o atendimento das pessoas com surdez:

**“A dependência, como ir ao banco, ao medico e comprar roupa. Meu filho passou por uma seleção de emprego recentemente e o pai o acompanhou. Quando tem a**

**necessidade para ler e assinar documentos temos que estar juntos para explicar. E acredito que não só pela falta deles não saberem a LIBRAS, mas a falta de outras pessoas não saberem também, isso traz um transtorno, um constrangimento. Se eles soubessem se comunicar normalmente poderiam ter estudado mais, e ter uma profissão melhor”.**

**“Um exemplo é a dependência, como ir ao banco, medico e comprar roupa. Meu filho passou por uma seleção de emprego recentemente e o pai o acompanhou. Quando tem a necessidade para ler e assinar documentos temos que estar junto para explicar. E acredito que não só pela falta deles não saberem a LIBRAS, mas a falta de outras pessoas não saberem também, isso traz um transtorno, um constrangimento”.**

Atualmente, com a ajuda da tecnológica e das redes sociais, podemos ter uma melhora na disseminação da LIBRAS, como podemos ver ainda no relato da Mãe I.

**“Hoje meu filho mais novo sabe um pouco mais da libras ele tem um grupo no facebook e whatsapp com pessoas surdas e assim eles ficam conversando entre eles. As vezes ele me ensina algumas palavras em libras”.**

A seguir, tratamos da educação de surdos no Brasil, abordando também as leis que amparam os surdos nessa área.

## **5. EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL**

A educação dos surdos brasileiros iniciou em 1855, com apoio do imperador Dom Pedro II, que trouxe para o Brasil o professor francês surdo Hernest Huet. Ao chegar ao Brasil, Hernest se comunicava pela Língua de Sinais Francesa. Em vista disso, surge a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com influência da língua Francesa e aliada às combinações do sistema linguístico dos surdos brasileiros.

Huet chega com uma proposta de disseminar a língua sinalizada em todo o território, para isso funda em 1857 a primeira escola para surdos brasileiros, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizado no Rio de Janeiro.

No Instituto, Huet defendia uma metodologia de ensino com base no oralismo. Nessa metodologia, os surdos, para serem aceitos em sociedade teriam que ser oralizados. O oralismo considera a surdez como uma doença que deveria ser curada, como uma reabilitação auditiva e oral do surdo. Segundo Dizeu e Caporali (2005), o oralismo recebe o status de uma imposição social de uma grande comunidade linguística (ouvinte) sobre uma minoria (surda). Dessa forma, o processo de comunicação oralizada deixava o surdo acuado e acabava afastando-o do convívio social.

O oralismo até então apresentava um aspecto positivo dentro da visão de Huet. Segundo Zanone e Santos (2014), essa metodologia teve início antes de 1760 e ganhou mais força no ano 1880, em Milão, com o Congresso Mundial de Professores de Surdos, com a proibição do uso da língua de sinais. Nesse congresso, foi aprovada a filosofia do oralismo, ou seja, a educação com base apenas no uso da língua oral, com o objetivo de integrar o surdo à comunidade ouvinte. Com isso, todas as instituições de ensino voltadas para a surdez tiveram de se adequar a esse método de aprendizagem.

Nessa época, o espaço escolar dos surdos era como uma escola clínica, onde os surdos eram considerados indivíduos estranhos e que não poderiam fazer parte como um indivíduo racional dentro da sociedade e nela não poderiam ser inseridos, como destaca Poker (2011), o oralismo define a surdez como uma incapacidade que deve ser tratada por estímulos oral/auditivo do aprendizado da língua oral, para que a criança surda possa ser integrada na comunidade ouvinte, sem trazer os traços da identidade da comunidade surda.

Essa forma de inclusão causou um atrofiamento da língua sinalizada e prejuízo aos surdos e suas identidades. Nesse tempo, a então diretora do Instituto acata a decisão do congresso e proíbe o uso da língua sinalizada nas aulas, mas os surdos continuam a usá-la fora desse ambiente. A partir do ano 1960, por meio de pesquisas realizadas com surdos americanos, constataram-se resultados insatisfatórios pelo método da oralização.

Desde então, surge a Comunicação Total, com uma nova característica de comunicação para o aprendizado dos surdos. Segundo Zanone e Santos (2014, p. 34), essa comunicação é o “método que defende que o indivíduo surdo tenha acesso à linguagem oral por meio da leitura labial, da amplificação (através de aparelhos), dos sinais e do alfabeto manual e que se expressem por meio da fala, dos sinais e do alfabeto”.

A Comunicação Total acolheria todos os métodos que sejam propícios à aquisição da linguagem e à educação dos surdos brasileiros, tanto os métodos da língua oral quanto da língua sinalizada, com a intenção de facilitar a comunicação.

Em vista disso, Poker (2011) ressalta a importância da comunicação total, por não abranger apenas a aquisição da língua, mas também o convívio do sujeito surdo em um cenário que engloba a interação da família e da comunidade, ressaltando a importância para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da pessoa com surdez.

Dessa forma, a Comunicação Total trouxe avanços às pessoas com surdez. A língua de sinais ganha espaço favorável dentro da comunidade ouvinte, de modo que, para Zanone e Santos (2014),

Muitos surdos utilizam-se da língua de sinais em determinadas ocasiões (especialmente ao dirigirem-se a outros surdos que também a dominam), e a oral em outras (usualmente ao comunicarem-se com ouvintes ou surdos oralizados). Zanone e Santos (2014, p. 4).

Esse sistema de ensino surge com uma nova proposta aos surdos, mas, de fato, o que propiciou uma melhor adaptação à comunicação dos surdos foi o bilinguismo, que surgiu a partir de 1980, mas no Brasil o primeiro projeto iniciou no ano de em 1995. Segundo Zanone e Santos (2014, p. 4), “O Bilinguismo tem obtido espaço fundamental na sociedade surda atual. É através dele que promovem-se o reconhecimento da cultura, comunidade e identidade dos Surdos”.

Graças à metodologia bilíngue, o surdo é preparado para fazer uso das duas formas linguísticas da comunidade a qual ele pertence, a língua de sinais em um

primeiro plano e posteriormente a língua oficial do país. Segundo Dizeu e Caporali (2005), o bilinguismo propõe à criança o contato com a língua de sinais, logo após o diagnóstico de surdez, possibilitando um desenvolvimento pleno e integral da língua materna.

Junto a esse propósito, o Bilinguismo reconhece totalmente a língua de sinais, e apresenta ao surdo a importância de adquirir e utilizar sua própria língua antes de qualquer outra. Para Poker (2011), o Bilinguismo leva em consideração a experiência psicossocial e linguística da criança surda ao ambiente escolar.

Após o contato da criança surda com a língua materna, a língua de sinais, ela deve ter uma interação com a segunda língua, no caso do Brasil a Língua Portuguesa, para que possa ter um desenvolvimento melhor com a leitura e a escrita por meio da alfabetização.

Também, é importante compreender que o bilinguismo segue duas direções de aprendizagem e as instituições de ensino optam por qual metodologia querem seguir. Como explica Poker (2011, p. 9)

Existem duas vertentes dentro da filosofia Bilíngue. Uma defende que a criança com surdez deve adquirir a língua de sinais e a modalidade oral da língua, o mais precocemente possível, separadamente. Posteriormente, a criança deverá ser alfabetizada na língua oficial de seu país. Outra vertente acredita que se deve oferecer num primeiro momento apenas a língua de sinais e, num segundo momento, só a modalidade escrita da língua. A língua oral neste caso fica descartada. (Poker, 2011, p. 9).

Com isso, recomenda-se uma metodologia de educação bilíngue para que os surdos se capacitem para serem indivíduos plenos, segundo Dizeu e Caporali (2005).

Dessa forma, a criança surda necessita de uma língua que possibilite a ela a integração ao seu meio, no qual ela seja capaz de compreender o que está ao seu redor, significar suas experiências, em vez de uma língua que a torne um ser apto para reproduzir um número restrito de palavras e frases feitas, que para ela não terão nenhum significado comunicativo, restringindo sua potencialidade para construir e utilizar a linguagem no processo dialógico. (DIZEU;CAPORALI, 2005, p. 590).

Abordam-se, a seguir, as leis que amparam os surdos em nosso país.

### **5.1 Leis que Amparam os Surdos no Brasil**

A Declaração de Salamanca nos Estados Unidos deu direito aos surdos a uma educação inclusiva. Em relação à declaração, Quadros (2003, p. 85 e 86) expõe:

Linha de Ação da Declaração no capítulo II, artigo 21, os alunos surdos devem ter um atendimento específico: 21. As políticas educativas deverão levar em conta as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a importância da linguagem dos sinais como meio de comunicação para os surdos, e ser assegurado a todos os surdos acesso ao ensino da linguagem dos sinais de seu país. Face às necessidades específicas de comunicação de surdos e de surdos-cegos, seria mais conveniente que a educação lhes fosse ministrada em escolas especiais ou em classes ou unidades especiais nas escolas comuns. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

No Brasil, muitas coisas mudaram. As comunidades surdas estão cada vez mais ganhando espaço. As leis trouxeram alguma tranquilidade às comunidades que reivindicaram os seus direitos dentro da sociedade ouvinte. Hoje o surdo tem o amparo de várias leis, uma delas é a Lei n.º 10.436/2002 e o decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005, na qual a o surdo é reconhecido pela língua de sinais. E que todos os espaços, e que todos os lugares públicos estejam preparados para atender uma pessoa com surdez. Dessa forma o surdo tem o direito ao atendimento de saúde e educacional dentro do meio de comunicação deles, ou seja, pela língua sinalizada.

A lei também apresenta uma obrigatoriedade para que todas as grades curriculares dos cursos de licenciatura e fonoaudiologia disponibilizem a LIBRAS como uma disciplina obrigatória.

Outra lei que também ampara o cidadão surdo é a Lei nº 12.319 de 2010, que reconhece a profissão de tradutor e intérprete de LIBRAS. Por meio desse reconhecimento, o cidadão surdo tem o direito de ter intérprete em sala de aula, em

consultas médicas, em audiências públicas e outros órgãos do governo. A lei também apresenta uma obrigatoriedade para que todas as grades curriculares dos cursos de licenciatura disponibilizem a LIBRAS como uma disciplina obrigatória.

Outro detalhe importante é o fato de a secretária da educação estar disponibilizando o curso de LIBRAS para professores e profissionais que desejam atuar na área. Além da proposta dos cursos para professores, existe também o auxílio dos intérpretes para transmitir aos alunos surdos os conteúdos de forma clara e objetiva.

A educação especial também oferece a Lei nº 9.394/1996, das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que garante aos professores capacitação a qualquer necessidade do aluno, para que sejam capazes de trabalhar com a integração de educandos no sistema educacional e na sociedade. Além disso, também oferece a formação para professores nos cursos de letras em LIBRAS, pedagogia bilíngue, e do curso de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

Nesse sentido, o sistema educacional tem a responsabilidade de assegurar aos surdos uma educação que seja plena na língua de sinais, ou seja, uma educação que atenda suas necessidades em sociedade.

Atualmente, apesar da existência de leis e de políticas públicas favoráveis às comunidades surdas, e do reconhecimento da LIBRAS como a língua oficial dos surdos, ainda é difícil colocar em prática essas propostas de educação. Veremos, à frente, esse fato no relato das mães que participam desta pesquisa.

## **6. METODOLOGIA**

O método de investigação desta pesquisa foi de caráter qualitativo. Como afirmam Gehardt e Silveira (2009, p. 31).

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências [...] O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Utilizou-se esse método, nesta pesquisa, com o intuito de analisar o ambiente linguístico de uma família ouvinte com filho(s) surdo(s) com o emprego de uma entrevista semiestruturada, tendo como referência um questionário (Apêndice A, B e C) direcionado a mães que tiveram filhos surdos. Cada uma delas estava livre para apontar os seus pontos de vista sobre a surdez dos filhos na entrevista.

A pesquisa é formada por três mães que são ouvintes e que possuem filhos que nasceram com surdez profunda. Seus filhos nasceram em diferentes Estados do Brasil e em épocas diferentes.

O contato com essas mães foi proporcionado por intermédio dos professores do CENAV, no qual eu tive o prazer de conhecer a Mãe II. O contato com a terceira mãe ocorreu pelo whatsapp, em um grupo de educação de surdos. Essa mãe mora no Estado do Ceará. Já a Mãe I, eu a conheço desde criança por morar na mesma cidade que minha família.

Ao entrar em contato com as mães, expliquei que estava muito interessada sobre a interação linguística de pais ouvintes com filhos surdos e se poderiam colaborar relatando suas experiências por meio de um questionário. A partir daquilo que me foi relatado pelas mães, elaborei os questionários e os enviei por email e whatsapp, suas respostas constam no Apêndice (A, B e C).

A Mãe I teve dois filhos, o primeiro nascido em 1982. Em relação a esse primeiro filho, a surdez foi descoberta depois de um ano de idade. Já o segundo nasceu no ano de 1990, e sua surdez foi descoberta antes de completar um ano, por causa do conhecimento em relação ao primogênito. Seus dois filhos nasceram com surdez profunda em virtude da genética herdada do pai, que tem uma pequena deficiência auditiva. Eles residem em Carrancas uma pequena cidade de Minas Gerais com menos de cinco mil habitantes.

Já a Mãe II teve um filho que nasceu no ano de 1994 no estado do Rio de Janeiro. A surdez de seu filho foi causada pela rubéola durante o período gestacional. De acordo com a mãe, demoraram-se oito meses para se descobrir o diagnóstico de surdez do filho.

De acordo com a Mãe III, a surdez de sua filha foi causada pela má formação do aparelho auditivo durante a gravidez. Sua filha nasceu em 2013, em Fortaleza, no Estado do Ceará. A surdez de sua filha foi descoberta com dois anos e seis meses.

O primeiro contato com as mães foi por telefone, seguindo do convite para participar da pesquisa por meio de entrevista, e posteriormente a comunicação foi realizada por whatsapp e email, com a aplicação do questionário.

Em relação ao tema da entrevista, foram elaboradas as questões: Qual tipo de comunicação foi usado entre o(s) filho(s) surdo e os pais, antes de descobrirem o diagnóstico de surdez do(s) filho(s)? Qual foi a reação da família diante do diagnóstico? Houve contato da criança com a língua de sinais após descobrirem a surdez? Como ocorreu a aquisição da língua de sinais pelo(s) filho(s)? Como foi o desenvolvimento escolar do(s) filho(s) e a progressão deles dentro da comunidade ouvinte?

A seguir, apresenta-se a análise e discutem-se os resultados deste estudo, considerando a literatura abordada anteriormente.

## **7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Como é ressaltado por Figueiredo (2015), a importância da relação da família, para o processo de aquisição e desenvolvimento linguístico da criança. Como também afirmam Dizeu e Caporali (2005),

É imprescindível para essa criança e para sua família que o contato com a língua de sinais seja estabelecido o mais rápido possível. Quando a família aceita a surdez e a LIBRAS como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. A família, então, exerce papel determinante para o estabelecimento da língua de sinais, como língua funcionante no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida. (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 591)

Levando em consideração o seio familiar para a aquisição linguística da criança surda, procuramos por intermédio das mães ouvintes compreender como foi o processo

de aquisição da língua pelos filhos, suas relações com os pais, além do desempenho escolar e social do surdo.

Em uma análise inicial acerca da interação comunicativa, foi possível verificar que a comunicação entre pais e filho sempre acontecem independentemente da realização através de uma mesma língua.

Conforme foi respondido por todas as mães no questionário, primeiramente elas iniciaram uma comunicação oral e posteriormente incorporaram os gestos para ajudar na comunicação com o(s) filho(s), antes de descobrirem a surdez. Como conta a Mãe III,

**“Após o nascimento [de sua filha], houve uma comunicação oral. Como não tinha respostas, completamos a conversa utilizando gestos”.**<sup>2</sup>

Para a autora Kail (2013. p. 98), essas dificuldades são encontradas na comunicação dos pais ouvintes com seus filhos surdos: “Essas crianças produzem gestos “espontâneos” para tentar se fazerem entender por aqueles que as rodeiam”.

Cabe ressaltar que uma das dificuldades encontradas pelas crianças surdas na comunicação com os pais foi à forma visual e gestual, já que a percepção dos bebês surdos se dá pela visão e por gestos.

Isso acontece porque os pais são ouvintes e não apresentam um domínio comunicativo visual-gestual dentro do espaço de visão dos filhos, o que causa muitas vezes a dificuldade na convivência, como aponta a Mãe III: **“Comunicação difícil, porque ela não falava nada e nem reagia a nossa fala. O olhar dela era muito triste e perdido”.**

A Mãe I também relata a dificuldade ao tentar uma comunicação oral/auditiva com o filho **“...eu chamava, chamava e nada. Procurava fazer barulho para assustá-lo e nada dele olhar para mim”.**

Da mesma maneira, a Mãe II lembra-se da comunicação gestacional já que estava gerando um bebê surdo. **“Hoje ao me lembrar, me remete um pouco de tristeza. Pois a comunicação se inicia dentro da barriga da mãe, e meu filho não pode ter esse contato. Nossa comunicação era só visual”.** Nessa fala, constata-se a angústia da mãe ao lembrar da gestação de um bebê surdo, o qual terá interações linguísticas visuais-gestuais e não orais-auditivas.

---

<sup>2</sup> As respostas das mães à entrevista passaram por uma pequena retextualização, para adequação do texto, ao menos parcial, à norma culta.

Em relação à demora dos pais em perceber a surdez de seu(s) filho(s) e o temor diante do diagnóstico da surdez, verificamos que todas as mães revelam que, após descobrirem a surdez de seus filhos, tiveram a mesma reação e passaram por uma avalanche de sentimentos, como salienta Moura (2009) citado por Figueiredo (2015, p. 15).

O momento de receber o diagnóstico da surdez pode ser decisivo na vida da criança e dos familiares. Iniciam as dúvidas, apreensões e preocupações quanto ao crescimento, desenvolvimento e aos procedimentos que deverão ser adotados. As reações dos pais na ocasião do diagnóstico podem ser um momento confuso, cheio de imprecisões e de incertezas quanto ao futuro do filho e da sua família (MOURA,2009).

Desta forma, percebemos que essa é uma fase muito dolorosa para a família, pois a chegada de um bebê surdo, não só traz o medo, mas também é o início de muitas dúvidas e inseguranças, por não saber como lidar com um filho surdo e as dificuldades diante da aquisição de uma nova língua.

Essa é uma fase que todas as mães presentes neste estudo contam. Vejam o exemplo da Mãe I que logo imagina como se daria a comunicação entre eles. **“No início ficamos assustados, foi muito triste, e ficamos preocupados de como íamos conseguir a comunicar. Perguntava o que fazer? Não tinha instrução de como proceder diante da surdez, ainda mais vendo outras crianças da idade deles falando, conversando e ele não, foi angustiante”**.

Segundo a Mãe II, que aponta a demora ao receber o diagnóstico e a dificuldade para aceitar: **“só descobrimos quando ele tinha 8 meses. Ficamos chocados, demoramos para aceitar”**.

Já a Mãe III abala-se com o que foi idealizado para o futuro da filha: **“Minha reação foi de desespero e que tudo o que tinha planejado para ela, foi destruído e a reação de meu esposo foi de profunda tristeza e desilusão”**.

Observando esse cenário, ressaltamos a importância do direcionamento da família ouvinte para unidades especiais, para que as famílias sejam acolhidas da forma adequada. Além do acolhimento, as unidades de apoio têm que estar preparada para receber tanto a criança quanto a família, para que possam adquirir a língua de sinais, já

que o conhecimento da língua é fundamental na vida de uma pessoa com surdez, como destaca Dizeu e Caporali (2005).

É imprescindível para essa criança e para sua família que o contato com a língua de sinais seja estabelecido o mais rápido possível. Quando a família aceita a surdez e a LIBRAS como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. A família, então, exerce papel determinante para o estabelecimento da língua de sinais, como língua funcionante no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida. (DIZEU; CAPORALI 2005, p.591).

Para Gesser (2009), a capacidade linguística das crianças surdas depende do ambiente em que vivem. Nesse sentido, para que os surdos se desenvolvem linguisticamente bem, não pode haver nenhum impedimento à aquisição da língua sinalizada, e para que ocorra essa aquisição, ao surdo e à sua família têm de estar assegurados a aprendizagem e o uso da LIBRAS em todos os âmbitos sociais.

Imediatamente, pensamos na capacidade inata do ser humano para a linguagem. Nesse mesmo ponto de vista, Quadros (1997, p. 47) destaca a “necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações”.

Com isso, podemos perceber que, se ao surdo for garantido, desde o nascimento, a interação com a língua de sinais em seu convívio, ele poderá ser um usuário da língua competente, realizando interações linguísticas bem sucedidas, em diferentes âmbitos de sua vida.

Outro aspecto observado no questionário diz respeito ao fato de que duas das três mães tiveram a oportunidade de aprender a LIBRAS, possibilitando aos filhos a chance de manter contato comunicativo na língua deles. Com isso, seus filhos puderam ter uma aquisição linguística que, de fato, proporcionou a eles a oportunidade de se comunicar e interagir na Língua de Sinais. Esse contato entre mãe e filho foi importante para o desenvolvimento intelectual e educacional da criança, como ressalta a autora Kail (2013) sobre a importância da exposição à língua de sinais.

Se a exposição a uma língua falada e sinalizada pode trazer benefícios para o desenvolvimento das competências comunicativas e cognitivas da criança, em contrapartida, parece indispensável fornecer um input correspondente a uma língua integral (língua de sinais) para que as competências linguísticas possam ser elaboradas. (KAIL, 2013, p.99).

Em relação a isso, a Mãe II evidencia a relevância de toda a família estar apta a uma nova língua, para que a criança não se sinta excluída da convivência familiar. **“Para que isso aconteça é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”**.

Diante disso, é lamentável que nem todas as famílias tenham a possibilidade de aprender a língua de sinais. Esse é o caso da Mãe I, que não teve o suporte para que seus filhos surdos aprendessem a LIBRAS. Em função disso, eles sofrem consequências até hoje em sua vida cotidiana e pessoal: **“Quando meus filhos vão ao médico e ao banco eu ou o pai os acompanham, mesmo sendo adultos”**. Dessa forma, podemos perceber que os pais acompanham os filhos para que eles possam ser entendidos por outras pessoas.

Conforme já mencionado, a Mãe I teve dois filhos surdos, o primeiro nasceu na década de 80, e o segundo na década de 90. Eles são residentes em uma pequena cidade de Minas Gerais. A família não teve a oportunidade de aprender a LIBRAS e, em decorrência da necessidade da comunicação, a mãe teve que adaptar-se a uma língua gestual improvisada para desenvolver vínculo comunicativo com os filhos. Quadros (1997) afirma que

Com crianças surdas filhas de pais ouvintes a situação é completamente diferente. Mesmo quando os pais usam algum tipo de comunicação gestual, usam-na somente com a criança, pois é um sistema criado em função da criança nascida “deficiente”. (QUADROS 1997, p. 80).

Isso explica o porquê, normalmente, as mães ouvintes com filhos surdos acabam criando uma comunicação própria, conforme mencionado também por Carvalho e Santos (2016, p. 194):

Quando existe a necessidade da comunicação, mas não há uma língua estabelecida entre pais e criança surda, é criada uma alternativa doméstica, que não é considerada, portanto, uma língua, por se tratar de gestos inventados a partir de determinadas situações em que algo precisou ser dito ou informado Carvalho e Santos (2016, p. 194).

Trata-se de um tipo de comunicação caseira, em que a família constrói uma estratégia de comunicação a favor dos filhos, evitando um distanciamento dos laços afetivos e comunicativos em função da língua diferente. Essa forma de comunicação permite a criança surda dialogar com as pessoas, a expor suas ideias e as necessidades do dia-a-dia. Como relatado pela Mãe I. **“Eu como mãe não consegui aprender LIBRAS e nem meu esposo. Comunicávamos com eles do nosso jeito. Para dizer mamãe apontava para os seios, e papai apontava na cintura. Para chamar tia eles apontavam para o pai e enchia a boca de ar, para referir a uma tia gordinha, que era irmã do pai deles. Para a família, construíamos um sinal para cada pessoa. Dessa forma procurávamos fazer um sinal que eles pudessem entender o que estávamos falando ou entender o que eles queriam dizer”**.

Para a Mãe I, cujo filho nasceu na década de 1980, nesse período, a língua de sinais não tinha grande visibilidade. O sistema educacional não tinha uma didática voltada aos surdos. Esse fato comprometeu a aquisição da LIBRAS pela família. A situação foi diferente na época do nascimento do segundo filho, na década de 1990, época em que foi celebrada a Declaração de Salamanca nos Estados Unidos, dando direito aos surdos a uma educação inclusiva. Em relação à declaração, Quadros (2003, p. 85 e 86) expõe:

Linha de Ação da Declaração no capítulo II, artigo 21, os alunos surdos devem ter um atendimento específico: 21. As políticas educativas deverão levar em conta as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a importância da linguagem dos sinais como meio de comunicação para os surdos, e ser assegurado a todos os surdos acesso ao ensino da linguagem dos sinais de seu país. Face às necessidades específicas de comunicação de surdos e de surdos-cegos, seria mais conveniente que a educação lhes fosse ministrada em escolas especiais ou em classes ou unidades especiais nas escolas comuns. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Nesse mesmo ano, também foi sancionado o Plano Nacional de Educação Especial de 1994, conforme cita Quadros (2003, p. 86), “o direito de uso da língua de sinais pelo surdo; mas apenas "recomenda" a utilização desta língua pelos professores e familiares”. A partir desse momento, a LIBRAS começa a ganhar espaço e a ser aceita no meio educacional.

Na mesma época, a Mãe II teve seu filho na cidade de Resende, no Rio de Janeiro. Estado esse que localiza o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Morando em uma cidade com mais de cento e vinte mil habitantes, a Mãe II teve a felicidade de ver o filho aprender a LIBRAS. Com um ano e oito meses, houve o primeiro contato do filho com a língua de sinais, que aconteceu em uma entidade especial para surdos. Na instituição, a família também teve a oportunidade de aprender a língua do filho.

O fato de a família ter acesso a uma instituição especializada trouxe benefícios para o filho. Outro fato que contribuiu para a aprendizagem da criança foi estudar em uma escola especializada em língua de sinais, que favoreceu no seu desenvolvimento linguístico. A mesma mãe destaca a importância da família aprender a língua: **”Para que isso aconteça, é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”**.

De acordo, com o relato da Mãe III, cuja filha nasceu em 2013, em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, com mais de dois milhões de habitantes. Nasceu em uma época em que a LIBRAS já estava reconhecida como a segunda língua oficial do país, em varias cidades, já havia escolas e associações para surdos. O primeiro contato da filha com a língua de sinais aconteceu com dois anos e seis meses de idade. A mãe confessa que demorou na procura por ajuda para a realização do exame, pois tinha medo de descobrir a surdez da filha. **“Eu não queria acreditar que tinha algo “errado” com minha filha”**. Após descobrir a surdez da criança, a primeira iniciativa foi matricular a filha em uma escola especial. A mãe confessa que chegou a fazer um curso de LIBRAS, antes de estar grávida da filha, e hoje é ela a intérprete da filha na escola.

A Mãe III conta que, mesmo com as dificuldades da surdez, a menina conseguiu se superar e teve um excelente desenvolvimento linguístico. **“Minha filha hoje está com 5 anos de idade, muito fluente na Libras (de acordo com a idade dela), é uma**

**criança super comunicativa, é bailarina, modelo, pratica capoeira com o pai, às vezes toca violão, sabe quando o desenho que assiste é música ou fala, conhece todas as cores, letras do alfabeto e seu nome”**. Além disso, essa mesma mãe ressalta a participação e o incentivo da família no desenvolvimento da filha.

Em relação ao mencionado por todas as mães acerca das dificuldades de encontrar apoio especializado, das experiências, das dúvidas sobre a língua, Figueiredo (2015) afirma que.

Nem sempre a família é orientada sobre o que significa ter um filho surdo e muito menos sobre essa nova cultura. Não é fácil para esses pais se identificarem com essa criança. Existe a dificuldade de aprender uma nova língua, uma nova cultura. Essas famílias precisam ser auxiliadas a compreender a diferença entre eles, mudando assim a maneira de ver e de se relacionar com o filho. Para que essa família tenha uma participação expressiva no desenvolvimento dessa criança (FIGUEIREDO, 2015, p. 19).

Dessa maneira, todas as mães defendem o direito dos surdos de aprender e usar a LIBRAS para comunicar-se, o que comprova a importância da língua para o desenvolvimento, a formação e principalmente a autonomia dos filhos.

O que justifica a falta de acesso dos filhos da Mãe I à língua de sinais é a falta de estrutura das cidades do interior, tanto na área humanitária, social e escolar. Deve-se considerar também que o nascimento aconteceu em uma época na qual não havia muito conhecimento dos benefícios da aquisição da língua de sinais pela criança.

Outra explicação seria a inércia do sistema educacional e de órgãos públicos na difusão da LIBRAS, quando ao nascimento do segundo filho, que teve contato com a língua apenas aos cinco anos. Percebe-se essa inércia no fato de que a criança tinha que percorrer duas vezes por semana um trajeto de quase duas horas até uma cidade vizinha, onde se localizava a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), local no qual apenas a criança tinha contato com a língua de sinais. Em virtude da distância, permaneceu naquela instituição por apenas um ano.

Em relação à inserção dos filhos no ambiente escolar, a Mãe I menciona que a escola, por não estar preparada para acolher as crianças surdas, também não possuía

profissionais preparados para recebê-los. **“Na escola que eu acho que seria o lugar de um maior contato deles com a LIBRAS não houve. O que ocorreu foi uma tentativa com a língua portuguesa e a escrita. Em decorrência a falta de professores e profissionais preparados para auxiliá-los”.**

A mãe acredita que a pela falta de comunicação dentro do ambiente escolar ocasionou a evasão escolar do filho. **“Meu primeiro filho não conseguiu aprender bem a libras, por isso, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, mesmo eu tendo que insistir muito. Até o dia que ele disse que ele não estava aprendendo nada na escola, e que não conseguia acompanhar os conteúdos das aulas, e decidi abandonar a escola”.**

Esse é um problema da inclusão escolar da forma ineficiente como vem sendo feita, por vezes. Desde décadas anteriores, o sistema escolar não está preparado para receber alunos especiais. Para Gesser (2009), a escola não está apta a receber os alunos surdos.

Não se trata de dificuldade intelectual e sim de oportunidade. Oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as dificuldades linguísticas; que promova acesso à língua padrão; que, no caso dos surdos, tenha professores proficientes na língua de sinais, que permita a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos (GESSER 2009, p. 57e 58).

Apesar das leis existirem, nem sempre há serviços acessíveis aos surdos, principalmente quando eles estão locados em cidades do interior. Nesses casos, há uma carência de profissionais qualificados em serviços públicos que possam atendê-los como está definido na lei. Um bom exemplo está no Apêndice A, no relato da Mãe I. **“Mas faltam pessoas preparada para ajudar uma família que tem filho surdo, como o meu caso, que não soube lidar com a situação de ter filhos surdos e não saber a língua de sinais. Quando meus filhos vão ao medico ou ao banco eu ou o pai os acompanham, mesmo sendo adultos. Na escola, faltaram pessoas capacitadas e que soubessem a LIBRAS para ensiná-los. Vejo que em muitos lugares as pessoas não conseguem entende-los”.**

Nos dias atuais, é lamentável deparar com relatos como dessa mãe, e saber que seus filhos quando crianças não tiveram a oportunidade de aprender a LIBRAS. E que, hoje, seus filhos já adultos necessitam da ajuda dos pais para realizar tarefas simples como ir ao médico.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo tratou da aquisição da língua por crianças surdas com pais ouvintes, tendo como objetivo investigar a relação entre esses sujeitos e a língua sinalizada, a LIBRAS. Investigaram-se, principalmente, a forma de comunicação entre essas crianças e seus pais antes do diagnóstico da surdez, e as dificuldades encontradas pelos pais mediante aos filhos surdos na aquisição da língua sinalizada.

A pesquisa também teve o intuito de analisar as dificuldades da comunicação dos pais ouvintes com seus filhos surdos, o medo e a angústia das famílias por não saberem lidar com as informações do diagnóstico, e a complexidade do desenvolvimento linguístico e social de uma pessoa com surdez.

Pela análise demonstrada, as crianças surdas que não tiveram contato com a língua de sinais desde o nascimento ainda puderam ter um melhor desenvolvimento linguístico após ter contato constante com a língua sinalizada, dentro do período apropriado para aquisição, como acontece com os filhos da Mãe II e III.

Porém, para famílias que não tiveram contato com a LIBRAS, essas tiveram de descobrir uma forma própria para suprir as dificuldades da comunicação com os filhos, evitando que a criança se sentisse excluída dentro do próprio lar. Como foi identificado na entrevista com a Mãe I.

O que não se pode deixar de ressaltar é a questão da estrutura das cidades pequenas, que não dão o suporte necessário e nem têm profissionais para auxiliar as famílias e as crianças surdas desde o nascimento até a idade escolar.

Pelo que constatamos neste estudo, até mesmo na discussão teórica, o aprendizado da língua de sinais é de extrema importância para o desenvolvimento dos surdos. Isso evita que as crianças se sintam diferentes das pessoas que as cercam, que adquiram sua língua nativa na idade de aquisição da linguagem (até os cinco anos de idade).

No entanto, não só as crianças precisam aprender a LIBRAS, mas toda a família e pessoas que trabalham com público em geral, pois a língua de sinais é essencial para a comunicação com o surdo, permitindo sua autonomia e desenvolvimento pessoal e social, fatores essenciais para a vida.

Por fim, para que essa realidade mude dentro da comunidade ouvinte, é necessário que a população possa se informar das dificuldades dos surdos e procure adaptar-se para recebê-los em sociedade.

Este cenário precisa ser transformado e isso requer apoio do governo para criar cursos e incentivos aos profissionais que operam em repartições públicas, para que se possam desenvolver a comunicação e disseminar a língua de sinais em seu ambiente de trabalho, além do atendimento às pessoas surdas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em:< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de Dezembro de 1996. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em:<[http://www.mpam.mp.br/attachments/article/1808/Lei%20n%C2%BA%209394\\_1996\\_%20Lei%20de%20Diretrizes%20e%20Bases%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional.pdf](http://www.mpam.mp.br/attachments/article/1808/Lei%20n%C2%BA%209394_1996_%20Lei%20de%20Diretrizes%20e%20Bases%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional.pdf)>. Acesso em: 20. Jul. 2018.

BRASIL. Lei Nº 12.319, 01 de Setembro de 2010. Presidência [da] República. Casa Civil. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)>. Acesso em: 20 Set. 2018.

BENASSI, C. A.; PADILHA, S. J. Fonologia da Libras: Os parâmetros e a relação pares mínimos da Libras. **Revista Diálogos (Rev.Dia)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, p. 94-106, jul./dez.2015. Disponível em:<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3372/2369>> Acesso em: 09 Set. 2018.

CARVALHO, D. M.; SANTOS, L. R. L. Pais ouvintes, filhos surdos: Causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, Goiás, v.1, n.2, p. 190-203, jul./dez. 2016. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/41493/22088>>. Acesso em: 23 Mar. 2019.

DIZEU, L. C. T. B. CAPORALI, S. A. A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo. Campinas – SP: **Educação e Sociedade**, Alagoas, vol. 26, nº91, p. 583-597, maio./ago 2005. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/pdf/873/87313716014.pdf>>. Acesso em: 23 Jun. 2018.

FIGUEIREDO, A. M. S. **Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de ariquemes/ro**. Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

GERHARDT, T.E. SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa. 1. ed.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?**1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

KAIL, M. **Aquisição de linguagem.** Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. 95-101p.

MOURA, I.C.N. **Relações familiares: possibilidades entre pais e filhos num contexto de surdez.** Especialização em Educação Especial. 79p Faculdade Santa Helena, Recife, 2009. In: FIGUEIREDO, A. M. S. **Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de ariquemes/ro.** Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LBS nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo de morfema-boca.** 2013. 88p. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013\\_CarolinaFerreiraPego.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf)>. Acesso em: 14. Nov 2018.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** 2011. 237p. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95954/291547.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 Ago. 2018.

POKER, R.B. **Abordagens de ensino na educação com pessoas surdas.** Modulo II. Texto 2:Unesp. 2011. 11p. Disponível em:<[https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec\\_texto2.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf)>. Acesso em: 2 Jul. 2018.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011. 67-106 p. In: FIGUEIREDO, A. M. S. **Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de ariquemes/ro.** Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/viewFile/1246/3850>>. Acesso em: 27 Fev. 2019.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 47-80p.

STOKOE, W. C. Sign language structure. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978. In: QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 47-80p.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

ZANONI, I. SANTOS, E. I. Os Reflexos da Comunicação Total na Atual Interação e Comunicação entre Indivíduos Surdos e Ouvintes. 2014. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1069-1.pdf>>. Acesso em: 25 Abr. 2019

**10. APÊNDICE A- Questionário aplicado à mãe com filhos surdos**

**Mãe I Idade dos filhos hoje: 37 e 29 anos Cidade: Carrancas-MG**

**1. Seus filhos nasceram surdos? E quando descoberta a surdez deles como foi sua reação e a do seu esposo?**

Sim, eles nasceram. Quando nasceu meu primeiro filho, eu chamava, chamava e nada. Procurava fazer barulho para assustá-lo e nada dele olhar para mim. Com isso, fui percebendo que meu filho tinha algum problema auditivo. Até mesmo porque o pai deles tem, o pai deles começou a perder a audição aos dezoito anos, e hoje usa aparelho. Já o meu segundo filho, comecei a perceber que ele não ouvia antes de completar um ano de idade, e logo procurei a fazer o exame de audiometria. No início ficamos assustados, foi muito triste, e ficamos preocupados de como íamos conseguir a comunicar. Perguntava o que fazer? Não tinha instrução de como proceder diante da surdez, ainda mais vendo outras crianças da idade deles falando, conversando e ele não, foi angustiante. Agora do meu segundo filho, fiquei mais tranquila porque já tinha passado com o meu primeiro filho a mesma coisa.

**2. Houve uma demora no diagnostico de surdez dos seus filhos? O que você acha que causou esse atraso? Teve um apoio da secretária saúde ou assistência social em direcionar a família a profissionais especializados da Língua de Sinais?**

Houve uma demora no diagnostico do meu primeiro filho. Até mesmo pelo tempo em que demorei em perceber a dificuldade que ele tinha em comunicar. Também houve demora para que o medico nos encaminhasse a um especialista. Porque só temos clinico geral em nossa cidade, e sem experiência para nos ajudar nessa situação. Fomos para Belo Horizonte para fazer os exames e diagnosticar a surdez. Apenas quando meu segundo filho completou 5 anos fomos encaminhados para APAE, em São João Del Rei, para aprender a Libras. Sendo que a permanência dele nessa associação durou apenas um ano, com isso, acabou aprendendo pouca da língua. Houve dificuldades em

aprender a LIBRAS, porque já tínhamos desenvolvido uma forma de comunicação nossa, e aprender uma língua nessa idade ficou difícil.

3. **Como era a comunicação com os seus filhos no início?**

Eu como mãe não consegui aprender LIBRAS e nem meu esposo. Comunicávamos com eles do nosso jeito. Para dizer mamãe apontava para os seios, e papai apontava na cintura. Para chamar tia eles apontavam para o pai e enchia a boca de ar, para referir a uma tia gordinha, que era irmã do pai deles. Para a família, construíamos um sinal para cada pessoa. Dessa forma procurávamos fazer um sinal que eles pudessem entender o que estávamos falando ou entender o que eles queriam dizer. Por um tempo, ficamos tentando os fazer falar, quando pedia água, ficávamos repetindo as palavras varias vezes, com isso, criaram o habito de ler os lábios. Hoje, algumas palavras eles conseguem falar como pau, café e pai, mas palavras com n e m não falam.

4. **Seus filhos chegaram a aprender a se comunicar por sinais sem ser a Libras?**

Sim, criamos uma comunicação entre nós da família. Depois eles desenvolveram a comunicação com os colegas na rua e na escola.

5. **Eles chegaram a ter algum contato com a LIBRAS? Se sim, como foi esse primeiro contato de seus filhos com a língua? E quais as dificuldades em ter esse contato com a LIBRAS?**

O mais novo sabe algumas palavras, por ter frequentado a APAE. Acabou aprendendo pouco porque já tinha 5 anos. Na APAE, apenas ele tinha acesso ao aprendizado da LIBRAS, eu apenas acompanhava-o nas viagens, ficamos apenas um ano. Era difícil ficar indo e voltando mesmo a prefeitura disponibilizando o carro duas vezes na semana. Devido à mudança de prefeito, não tínhamos carro a disposição e logo paramos de ir. O meu segundo teve já um contato na comunicação com o irmão mais velho, mas não era libras, eu acredito que teve um desenvolvimento melhor com a comunicação por conta do irmão gesticular. Hoje meu filho mais novo sabe um pouco mais da libras ele tem um grupo no facebook e whatsapp com pessoas surdas e assim eles ficam conversando entre eles. As vezes ele me ensina algumas palavras em libras.

6. **Na cidade onde reside a família, existe uma associação dos surdos para inserção da criança e da família na comunidade?**

Não existe, até por ser uma cidade pequena, temos aqui menos de cinco surdos. Não existe uma inclusão na comunidade em geral. A igreja, lugar em que deveria ter uma participação deles não dão oportunidade.

7. **Como foi o contato deles com a língua portuguesa? Na escola se teve algum processo de estimular oralização ou leitura labial de seus filhos?**

Na escola que eu acho que seria o lugar de um maior contato deles com a LIBRAS não houve. O que ocorreu foi uma tentativa com a língua portuguesa e a escrita. Em decorrência a falta de professores e profissionais preparados para auxiliá-los. Acredito que por causa dessa falta do contato por uma mesma língua entre professor e aluno, meu primeiro filho decidiu abandonar a escola, isso aconteceu por ele não estar aprendendo e entender o que acontecia durante as aulas. Na oralização não houve contato, o que acredito é que pela repetição das palavras como disse antes, eles aprenderam a ler os lábios, e algumas palavras mais simples conseguem falar.

8. **Como foi o processo de aprendizagem na escola?**

Bem difícil. Meu primeiro filho não conseguiu aprender bem a libras, por isso, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, mesmo eu tendo que insistir muito. Até o dia que ele disse que ele não estava aprendendo nada na escola, e que não conseguia acompanhar os conteúdos das aulas, e decidiu abandonar a escola. Ele começou a ir trabalhar com o pai, e foi aprendendo a profissão de pedreiro. O meu segundo filho terminou o segundo grau. Os professores iam passando de ano sem ele aprender ou entender. Os dois sabem escrever o nome, outras palavras ou nomes conseguem copiar o que está escrito. Não conseguem ler e escrever texto apresentam muita dificuldade. Na matemática têm mais facilidade de aprender. O mais velho quando pega uma planta de casa ele consegue entender e construir, eles são bons para fazer cálculos.

9. **Como é a comunicação de seus filhos com a comunidade ouvinte? Você acha que a comunidade ouvinte e os serviços públicos têm que estar preparado para se comunicar com os surdos?**

Na cidade, eles conseguem comunicar-se da forma deles com a maioria das pessoas e amigos. Mas faltam pessoas preparada para ajudar uma família que tem filho surdo, como o meu caso, que não soube lidar com a situação de ter filhos surdos e não saber a língua de sinais. Quando meus filhos vão ao médico ou ao banco eu ou o pai os acompanham, mesmo sendo adultos. Na escola, faltaram pessoas capacitadas e que

soubessem a LIBRAS para ensiná-los. Vejo que em muitos lugares as pessoas não conseguem entendê-los.

10. **Seus filhos estudaram em uma escola normal, eles conseguiram finalizar o segundo grau? Você acha que houve descaso da direção da escola em não procurar incluir seus filhos em algum programa preparado para ensinar a Libras ou procurar profissionais preparados para ajudá-los?**

Estudaram, o mais velho estudou até a 4ª série do ensino fundamental, mas abandonou a escola pelas dificuldades no aprendizado. O segundo terminou o segundo grau, sem aprender. Eles não tinham interprete de LIBRAS para acompanhá-los nas aulas que pudessem ajudá-los a ler e a escrever, e também a entender o que a professora estava ensinando.

11. **Como é para a senhora como mãe ver que eles não tiveram contato direto com a libras? A senhora acha que a falta em aprender a libras trouxe prejuízo para eles na área profissional e social?**

É difícil. Um exemplo é a dependência, como ir ao banco, médico e comprar roupa. Meu filho passou por uma seleção de emprego recentemente e o pai o acompanhou. Quando tem a necessidade para ler e assinar documentos temos que estar junto para explicar. E acredito que não só pela falta deles não saberem a LIBRAS, mas a falta de outras pessoas não saberem também, isso traz um transtorno, um constrangimento. Se eles soubessem se comunicar normalmente poderiam ter estudado mais, e ter uma profissão melhor.

12. **Hoje eles têm vontade de aprender a libras? E se eles tivessem a oportunidade em aprender a libras a senhora os incentivaria e também procuraria aprender?**

Sim, mas como trabalham fica difícil. Se na cidade tivesse um curso ou associação de surdos poderiam aprender a língua. O meu filho mais novo participam de grupos de surdos nas redes sociais.

13. **Outras observações.**

A falta de inclusão mesmo, na igreja não tem espaço para os surdos, na escola não tinham professores preparados. Realmente faltou oportunidade desde bebê para que pudessem aprender a língua. Além de existir um preconceito enorme por parte de muitas pessoas.

## 11. APÊNDICE B - Questionário aplicado a mãe com filho surdo

	<b>DEPARTAMENTO DE ESTUDO DA LINGUAGEM</b>
---	--

**Mãe II Idade hoje: 25 Cidade: Estado Atualmente mora em Lavras MG**

1. **Sua filho(a) nasceu surdo? E quando descoberto a surdez de sua filho(a) qual foi sua reação e a do seu esposo?**

R: Meu filho nasceu surdo, eu tive rubéola na gravidez, só descobrimos quando ele tinha 8 meses. Ficamos chocados, demoramos para aceitar.

2. **Houve uma demora no diagnóstico de surdez do seu filho(a)? O que você acha que causou esse atraso? Teve um apoio da secretária saúde ou assistência social em direcionar a família a profissionais especializados na Língua de Sinais?**

R: O primeiro diagnóstico, foi quando ele tinha 8 meses e foi através de um médico especialista(otorrinolaringologista), em uma consulta clínica. Onde ele pediu todos os exames para comprovar o que ele já tinha detectado. Meu filho fez: exames de sangue; audiometria e o Bera. Não houve demora, na época tínhamos convênio médico. Não foi preciso recorrer a assistente social. Após o resultado do exame do Bera ele começou a usar o Aparelho Auditivo”, fazer fonoterapia. Tivemos contato com a Libras, quando meu filho tinha 1e 8meses, ele começou ter atendimento em uma escola especial, onde se ensinava Libras.

3. **Com quantos anos seu filho(a) começou a aprender a Libras? E como foi esse primeiro contato de seu filho(a) com a língua?**

4. R: Meu filho teve o primeiro contato com a Libras com 1e8m. E aconteceu de forma bem natural, eu me lembro da primeira estória contada a ele em Libras, “O Patinho Feio”, ele ficou encantado com as imagens e com as expressões faciais e corporais da professora. Ele foi aprendendo aos poucos, cada sinal em Libras que o ajudaria ter autonomia. Mas para que isso aconteça é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho.

5. **Houve uma ação imediata de colocar a criança em contato com a língua de sinais logo ou teve resistência da família?**

Tivemos orientações de uma fonoaudióloga para a oralização. Nós não tínhamos conhecimento de como seria se optássemos pela oralização de surdos, ou pela Libras. Mas ao mudarmos de cidade, não foi possível a oralização.

**6. Como era a comunicação com o seu filho(a) antes de vocês conhecerem a Libras?**

R: Hoje ao me lembrar, me remete um pouco de tristeza. Pois a comunicação se inicia dentro da barriga da mãe, e meu filho não pode ter esse contato. Nossa comunicação era só visual.

**7. Os pais (família) procuraram aprender a Língua de Sinais assim que soube que ele/ela era surdo e como foi esse processo em aprender uma segunda língua?**

R: Quando meu filho começou ter contato com a Libras, eu automaticamente também comecei a aprender a Libras, na escola especial onde ele era atendido, tinha curso para as famílias.

**8. Na cidade onde reside a família, existe uma associação dos surdos para inserção da criança e da família na comunidade?**

R: Sim.

**9. Ouve um primeiro contato da criança com a língua portuguesa antes de aprender a libras ou se teve algum processo de estimular oralização ou leitura labial de seu filho(a) antes dele aprender a Libras? Ele/ela tem acompanhamento com um fonoaudiólogo? Conte como foi cada processo.**

R: Eu falo que ele passou por todos os processos: Oralização, Comunicação Total e Bilinguismo. Hoje ele está com 24 anos, e não tem acompanhamento com fonoaudióloga.

**10. A criança chegou a aprender a se comunicar por sinais sem ser a Libras?**

R: Sim. É o que chamamos de sinais caseiros.

**11. Quais foram os desafios para o seu filho(a) em aprender a Libras e como foi o processo de aprendizagem?**

R: Os desafios foram a sociedade aceitar que a Libras é a língua do surdo, e que é através dela que o surdo aprende: a se comunicar, demonstrar seus sentimentos, ter acesso à educação.

**12. Houve melhora na inteiração da criança após aprender a Libras? Hoje depois de aprender a Libras, como é a comunicação de seu(sua) filha com a**

**comunidade ouvinte? Você acha que a comunidade ouvinte e os serviços públicos têm que estar preparado para se comunicar com os surdos?**

R: A interação foi com seus pares. Agora, quanto ao contato com os ouvintes!? Como a Libras está sendo mais divulgada, muitos estão procurando fazer cursos de Libras, com isso, os ouvintes estão querendo conhecer a comunidade surda, e isso é bom. A sociedade precisa estar preparada para receber um surdo.

**13. Sua filho(a) estuda em uma escola especial para surdos ou em uma escola normal? Se normal como é o processo de aprendizagem dela e da interação com os colegas? Ela tem intérprete?**

R: Meu filho já tirou o 3º ano do Ensino Médio. Ele estudou 2 anos em uma escola Especial, em Resende-RJ. Quando viemos para Lavras, ele começou a estudar em uma escola normal. O processo de aprendizagem dele, passou por vários processos da Filosofia da Educação de Surdos. Meu filho, sempre teve facilidade de interagir com os colegas, enquanto criança. Até o 6º ano do Ensino fundamental, ele não teve intérprete.

**14. Seu filho(a) consegue se comunicar na Língua de Sinais na mesma proporção que uma criança ouvinte da mesma idade?**

R: Sim

**15. Outras observações.**

Há 25 anos atrás é uma grande diferença para os dias de hoje. As dificuldades encontradas naquela época, hoje quase não se vê mais. Hoje, a Libras é uma língua oficial do país, foram criadas as leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência.

## 12. APÊNDICE C- Questionário aplicado a mãe com filha surda

	<b>DEPARTAMENTO DE ESTUDO DA LINGUAGEM</b>
---	--

**Mãe III Idade da criança hoje: 6 anos Cidade: Fortaleza UF:CE**

- 1. Sua filho(a) nasceu surdo? E quando descoberto a surdez de sua filho(a) qual foi sua reação e a do seu esposo?**

Sim, ela nasceu, minha gravidez foi tranquila eu não tive nada, Minha reação foi de desespero e que tudo o que tinha planejado pra ela, foi destruído e a reação de meu esposo foi de profunda tristeza e desilusão. A

- 2. Houve uma demora no diagnostico de surdez do seu filho(a)? O que você acha que causou esse atraso? Teve um apoio da secretária saúde ou assistência social em direcionar a família a profissionais especializados na Língua de Sinais?**

Sim, com 2 anos e 6 meses. Não consegui fazer o exame antes, porque o parto foi Cesário e o teste da orelhinha, na época, era feito 15 dias após o nascimento e não tive condições de levá-la para fazer o exame. Eu não queria acreditar que tinha algo “errado” com minha filha, então por isso o atraso de fazer o exame. Não tive apoio de nenhum profissional. Como eu já conhecia Libras por ter feito um curso básico em 2006, eu mesma me direcionei.

- 3. Com quantos anos seu filho(a) começou a aprender a Libras? E como foi esse primeiro contato de seu filho(a) com a língua?**

Com 2 anos e 10 meses. Foi na 1ª vez que fui à escola onde ela estuda atualmente, que é uma escola bilíngue para surdos, nesse dia fui fazer a matricula dela e um professor surdo falou com ela sinalizando em Libras.

- 4. Houve uma ação imediata de colocar a criança em contato com a língua de sinais logo ou teve resistência da família?**

Sim, nossa reação foi de matricular ela na escola bilíngue para surdos e nós aprendermos também a Língua de Sinais.

- 5. Como era a comunicação com o seu filho(a) antes de vocês conhecerem a Libras?**

Difícil, porque ela não falava nada e nem reagia a nossa fala. O olhar dela era muito triste e perdido.

6. **Os pais (família) procuraram aprender a Língua de Sinais assim que soube que ele/ela era surdo e como foi esse processo em aprender uma segunda língua?**

Sim, eu fiz/faço curso de Libras, estou no intermediário e o que aprendo, passo para meu esposo. Para mim, foi maravilhoso porque já conhecia a língua e foi uma oportunidade de me aprofundar mais.

7. **Na cidade onde reside a família, existe uma associação dos surdos para inserção da criança e da família na comunidade?**

Sim. Associação de Surdos Cearenses.

8. **Ouve um primeiro contato da criança com a língua portuguesa antes de aprender a libras ou se teve algum processo de estimular oralização ou leitura labial de seu filho(a) antes dele aprender a Libras? Ele/ela tem acompanhamento com um fonoaudiólogo? Conte como foi cada processo.**

Só em casa. Sim ela faz acompanhamento com um fonoaudiólogo. Primeiro, ela foi para a escola ter o contato com a Libras e depois ter o contato com a oralização e leitura labial.

9. **A criança chegou a aprender a se comunicar por sinais sem ser a Libras?**

Após o nascimento ouve uma comunicação oral seguida por gestos.

10. **Quais foram os desafios para o seu filho(a) em aprender a Libras e como foi o processo de aprendizagem?**

Nenhum, porque aquisição de Libras dela foi muito rápida. Em uma semana de aula na escola, ela aprendeu os sinais básicos de comunicação.

11. **Houve melhora na inteiração da criança após aprender a Libras? Hoje depois de aprender a Libras, como é a comunicação de seu(sua) filha com a comunidade ouvinte? Você acha que a comunidade ouvinte e os serviços públicos têm que estar preparado para se comunicar com os surdos?**

Melhora de 100%, com certeza! Hoje minha filha está com 5 anos de idade, é uma criança super comunicativa. Não, nem a comunidade ouvinte e nem os serviços públicos estão preparados, que é uma vergonha, falta de respeito e acessibilidade.

- 12. Sua filho(a) estuda em uma escola especial para surdos ou em uma escola normal? Se normal como é o processo de aprendizagem dela e da interação com os colegas? Ela tem intérprete?**

Escola bilíngue para surdos. Por enquanto, eu a mãe, sou a intérprete dela.

- 13. Seu filho(a) consegue se comunicar na Língua de Sinais na mesma proporção que uma criança ouvinte da mesma idade?**

Sim, ela fala o que quer, o que viu na escola, que roupa quer vestir, para onde quer passear e sabe quem é quem da família: pai, mãe, irmão, vô, vó...

- 14. Outras observações.**

Minha filha, hoje está com 6 anos de idade, muito fluente na Libras (de acordo com a idade dela), é bailarina, modelo, pratica capoeira com o pai, as vezes toca violão, sabe quando o desenho que assiste é música ou fala, conhece todas as cores, letras do alfabeto e seu nome.

Desde a descoberta da surdez dela, criei um projeto, onde ensino Libras, ajudo pais e mães de filhos surdos. Nós também temos uma lanchonete que ajuda na inclusão e acessibilidade, que junto com meu esposo, criamos para receber clientes surdos.